



CINEMA, COMENSALIDADE E ENSINO: O FILME E O ALIMENTO ENQUANTO LINGUAGENS PEDAGÓGICAS NA EJA

Michelle Santino Fialho
João Clímaco Ximenes Neto
Profa. Doutora Patrícia Cristina de Aragão Araújo

*Universidade Estadual da Paraíba, michelle-fialho@hotmail.com
Universidade Estadual da Paraíba, ximenesgeografia@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba, patriciacaa@yahoo.com*

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão referente ao uso do recurso cinematográfico no campo educacional, em especial, no ensino de História da EJA, pensando a respeito de suas contribuições para a compreensão da identidade, memória e cultura regional. Considerando que a imagem pode ser tomada como um documento e sendo o alimento um código sociocultural busca-se compreender as representações da alimentação a partir das experiências e significações com filmes/documentários em uma turma de jovens e adultos do ensino fundamental de uma escola pública localizada no município de Lagoa Seca- PB. A ênfase desta centralidade projeta-se, primeiro, face ao valor dado à alimentação, na medida em que esta postula uma forma de constituição de uma categoria histórica, cultural e identitária construída significativamente a partir de memórias, segundo, face à instância pedagógica assumida pelo cinema. Tomando como viés de discussão o aporte teórico da Nova História Cultural, pensar-se-á tanto o cinema como a alimentação enquanto ações que expõem e contribuem com novas linguagens para a pesquisa e o ensino de história, estabelecendo possibilidades múltiplas para se abordar as produções do cinema no tocante à construção de memórias e identidades no contexto da cultura regional. A efetivação da pesquisa far-se-á, portanto, mediante uma discussão de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação em articulação com a História Oral, objetivando refletir a representação da comensalidade no cinema em uma perspectiva pedagógica para o ensino de História na abordagem da memória, identidade e cultura regional na Educação de Jovens e Adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; alimentação; Ensino de História; Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

Das sensações que não tem explicações, o arrepio provocado por uma cena de filme, ou até mesmo a lágrima que prende nossa atenção ao final da trama, merecem um olhar especial. Longe de ser classificado como uma produção secundária e complementar, o cinema ocupa um espaço privilegiado quando o assunto é o despertar de emoções múltiplas. Um misto de nostalgia, ora de suspense e risos frouxos, ora de suspiros e imaginações que transportam para além da tela. Sentir nossos corações palpitem a cada minuto que passa de um filme é uma delícia.

A narrativa exposta em cada produção coopera com as expressões de felicidade escancaradas no rosto de todos aqueles considerados apaixonados por obras cinematográficas. A

explicação para tal reação deve-se ao que Duarte ¹ (2002) vem chamar a atenção em relação ao que o espectador vê. Segundo a autora: “o olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados” (DUARTE, 2002, p. 67). Tateamos, com isso, a ficção e ladeamos a própria realidade. Volta e meia chegamos a nos imaginar em cada cena. Volta e meia percebemos que a tal ficção nada mais é que uma mescla da nossa vida real. A revelação dessas afetações é o que permite entender plenamente a projeção que se dá em torno das próprias experiências lançadas no filme. As considerações da pesquisadora em cultura audiovisual Rosália Duarte, aplicam-se perfeitamente nesta abordagem. Segundo ela, vê-se indiscutivelmente a projeção de nossos conteúdos internos no filme, conduzindo-nos a vivenciar a trama com os personagens. O cinema invade, pois, a esfera do cotidiano. Como argumenta Pimentel² (2011):

O discurso cinematográfico, por sua vez, necessita da articulação da imagem e do movimento para expressar sua intenção comunicativa de trazer o espectador para o mundo da ficção, de modo que ele possa encontrar aí uma versão capaz de elucidar confrontos com dificuldades e impasses do cotidiano. (PIMENTEL, 2011, p. 92).

O cinema vem, pois, adquirindo além de um espaço de significações e experiências pessoais, um lugar relevante na prática docente, apontando um novo percurso didático para pensar e praticar o ato educativo e afirmando-se como um valioso instrumento para a aprendizagem humana. Isto se evidencia com o que Duarte (2002) vem chamar de sistema de preferências, através do qual o gosto pelo cinema liga-se à origem social e familiar das pessoas. O filme se projeta nesse viés enquanto uma linguagem culturalmente construída e compreendida a partir dos valores e significações presentes em sua riqueza e complexidade. Sendo uma linguagem cultural cada vez mais presente no contexto educativo, assume ainda uma evidente representatividade histórica e social. Esta vivência produzida sobre memórias e experiências traz à tona o que se convém chamar de arte universal, cuja apreensão se efetiva de modo substancial nas sociedades audiovisuais.

Nos últimos anos a nossa historiografia vem lançando novos olhares para a linguagem cinematográfica. Conforme aponta Marc Ferro³ (2010) as imagens provocam uma espécie de energia de informação sendo, portanto, necessário partir delas a fim de sustentar a credibilidade teórica. É fundamental reconhecer, neste sentido, a relevância da emergência dos estudos sobre o cinema no cenário acadêmico, o que possibilitou a efetivação de discussões bem como de escritas

¹ DUARTE, R. **Cinema e Educação**. Autêntica: Belo Horizonte 2002.

² Ver em: PIMENTEL, L. da S. L. **Educação e Cinema**: dialogando para a formação de poetas. São Paulo: Cortez, 2011.

³ Ver mais em: FERRO, M. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

sobre a linguagem dentro do espaço educacional. Tais discussões geram ainda reflexões que contribuem na adoção de uma perspectiva interdisciplinar trazendo, com isso, novas possibilidades para se pensar a escrita do cinema.

Percebe-se, contudo, que os discursos contemplados pelos pesquisadores nos últimos anos no tocante a linguagem cinematográfica limitam-se na abordagem de sua utilização enquanto um recurso, meramente, didático em sala de aula. Essa postura é bastante adotada em pesquisas que objetivam acentuar o uso das mídias na ação educativa. Por outro lado, temos o surgimento de alguns trabalhos que direcionam-se para a compreensão das várias possibilidades presentes na utilização dos filmes na escola, desde uma ilustração até mesmo para abordagem de conteúdo. Neste quadro, surgem ainda, aqueles trabalhos voltados para uma leitura analítica de um filme específico. Submetidos, pois, a esse processo padronizado, os recentes estudos sobre o cinema permanecem, portanto, contrários ao caráter pedagógico que a linguagem possui no que se refere à construção do conhecimento. Evidencia-se, assim, uma certa fragilidade das discussões inerentes à linguagem cinematográfica produzidas até então, lançando-a em uma uniformidade discursiva que se sustenta em abordagens consideravelmente restritas.

Dessa forma, diante deste quadro, assumem-se então novas possibilidades que nos permitem lançar múltiplos olhares sobre a arte cinematográfica, pensando-a agora em um viés interdisciplinar. A proposta envolve abordá-la enquanto uma linguagem que comporta uma pluralidade de interpretações e diálogos com os mais diversos campos de saberes, os quais possibilitam estabelecer a relevância cultural, social e educativa do cinema. Com essa afirmação, torna-se mais claro que a prática docente apresenta-se, de fato, diante de uma diversidade que se fez presente na construção da ação educativa. Em princípio, podemos dizer que tal postura traz à cena novos entendimentos e maneiras de tratar o discurso histórico voltado, neste momento, para a inserção da arte cinematográfica.

À medida que se amplia o campo de possibilidades para o ensino de História, mais visível torna-se a constituição de um espaço de síntese. Segundo Vainfas (2011, p. 146)⁴ “A chamada Nova História abriu-se de tal modo a ‘outros saberes’”, transportando assim os historiadores para outros campos. Como sustenta a Lynn Hunt (2001)⁵ em sua introdução do livro “*A nova História Cultural*” essa corrente viria colocar as pesquisas historiográficas no cerne de uma busca interminável de novas práticas culturais incidentes sobre olhares minuciosos dos estudos históricos.

⁴ VAINFAS, R. Gênese da Micro-História. In: **Os protagonistas anônimos da História: micro-história**. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2002. p. 68-142.

⁵ HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Daí a possibilidade em estabelecer uma leitura em que se possam identificar uma escrita ligada as linguagens interdisciplinares, tomando especificamente como objeto de estudo o saber gastronômico. É válido, portanto, pontuar a presença do universo da alimentação nas representações filmicas com vistas ao ensino de História.

Assim como os estudos sobre o cinema ganharam um relevante espaço no meio acadêmico, as escritas sobre a cultura alimentar em seus diversos contextos assumem da mesma forma, um alcance amplo dentro das academias, adquirindo visibilidade enquanto um campo de saber passível de ser tomado como fonte de conhecimento. É bem verdade que a associação da gastronomia aos estudos historiográficos e a produção audiovisual, assinala uma imensurável ampliação do cenário alimentar enquanto um campo de saber privilegiado à análises epistemológicas, possibilitando ao pesquisador projetar, através dos estudos gastronômicos e filmicos, uma perspectiva pedagógica para o ensino de História.

Ao situarmos o interesse acadêmico despertado pelo estudo do cinema interligado à alimentação, torna-se evidente o papel comunicativo que passa a ser assumido por ambos os campos enquanto um ato simbólico, código social e instrumento de comunicação. Para a professora e pesquisadora Angelina Bulcão Nascimento ⁶ (2007, p. 30) o tema tem sido um dos mais estudados nas últimas décadas, por “ser uma maneira de se fazer história”. Como afirma a autora:

[...] a preparação dos alimentos e o ato de comer são atividades simbólicas cujos significados revelam aspectos das complexidades das sociedades. Uma vez que o estudo dos hábitos alimentares de um povo auxilia no processo de compreensão de uma determinada cultura, do ato de servir ao modo e jeito de comer, torna-se possível estudar pessoas e grupos sociais através do que eles comem e do que bebem. (NASCIMENTO, 2007, p. 30).

À essas duas aproximações soma-se uma terceira perspectiva que diz respeito ao ensino de História na Educação de Jovens e Adultos, constituindo-se neste caso enquanto um campo fértil para a inserção da abordagem do cinema e da comensalidade já expostas anteriormente. As especificidades de aprendizagens de jovens e adultos reproduzem, consideravelmente, a heterogeneidade presente na modalidade de ensino. Com isso, o desenvolvimento da ação educativa expressa através da atuação docente na EJA torna-se fundamental para que se possa apreender a disciplina histórica no ensino de jovens e adultos.

⁶ Formada em Jornalismo pela UFBA, fez mestrado em Educação e doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea, ambos na Universidade Federal da Bahia. Ver em: NASCIMENTO, A. de A. B. S. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. Salvador: EDUFBA, 2007.

METODOLOGIA

Pensando nisso, este trabalho realiza-se a partir das análises inseridas sobre os múltiplos sentidos, primeiro, projetados face ao valor dado à alimentação, na medida em que esta postula uma forma de constituição de uma categoria identitária, cultural e educativa, segundo, face à instância pedagógica assumida pelo cinema na área de educação. Sabendo que pouco tem escrito sobre as relações entre a alimentação e cinema no ensino de História, evidencia-se tal pesquisa por elevar o caráter memorialístico, identitário e educativo, tanto da linguagem do cinema como dos hábitos alimentares, pensados em termos didáticos. Para que essas representações sejam pensadas, propõe-se responder a seguinte pergunta: “De que modo a representação da alimentação no cinema, nas aulas de História da EJA, possibilita a construção da memória e identidade nas discussões sobre cultura regional?” Esta, portanto, será a problemática que irá direcionar este trabalho bem como a explanação do objetivo o qual versa sobre uma investigação da representação da comensalidade no cinema em uma perspectiva pedagógica para o ensino de História na abordagem da memória, identidade e cultura regional na Educação de Jovens e Adultos.

Foi escolhido, para isso, estabelecer alguns diálogos como ponto de partida do referente estudo. Ao entrelaçar na discussão os conceitos teóricos que ampararam a pesquisa, busca-se levantar problematizações que possam ser refletidas em consonância ao objeto de estudo. Dialoga-se, portanto, com o autor Gilberto Freyre para se pensar a ideia de formação identitária da sociedade brasileira; com o historiador e antropólogo Câmara Cascudo, a pesquisadora Angelina Bulcão Nascimento, e seus estudos acerca da alimentação; a Sandra Pesavento, Vainfas, Peter Burke e Lyn Hunt nas reflexões presentes ao campo da Nova História Cultural; o sociólogo Stuart Hall e o conceito de identidade; o historiador Michel de Certeau e a compreensão das práticas cotidianas; o sociólogo Maurice Halbwachs para discutir o conceito de memória; no campo do ensino de História e o uso do audiovisual no ensino são estabelecidos diálogos com o Marcos Napolitano, a Circe Bittencourt, a Rosália Duarte e, por fim, para refletir a linguagem cinematográfica introduz-se os estudos do historiador Marc Ferro.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação em articulação com a História Oral. Optou-se por realizar um trabalho no campo da pesquisa-ação, pois além de favorecer um contato maior com os sujeitos da pesquisa, esta estabelece ainda uma relevante ligação entre a teoria e a prática. Conforme ressalta o pesquisador Guido Irineu Engel⁷

⁷ Doutor em Ciências Sociais e professor na Universidade Federal do Paraná.



(2000, p. 182) este método de pesquisa busca “desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática”. Como tal, a pesquisa-ação constitui-se, pois, reciprocamente em articulação com os significados depositados na compreensão da realidade social a ser estudada, haja vista que:

O objeto é sempre objetivação de sujeitos, e compreendê-lo é apreender os sentidos e significados humanos que ali se depositam. O seu conhecimento será o reconhecimento da história e, portanto, das práticas sociais que ali se cristalizaram, sendo o desvendamento da realidade ou o conhecimento produzido acerca dos seus objetos sempre práxis que descortina e se compromete com a realidade. (MIRANDA; REZENDE, 2006, p. 514)

Como nos mostram as autoras, trata-se, na verdade, de um processo construído de modo a garantir por meio da pesquisa a intervenção no campo social. Pensando dessa forma, a influência dessa abordagem revela-se na compreensão do sistema social e dos seus significados. Questão que se confirma nas indicações e análises propugnadas por Bob Dick (2003) os motivos que corroboram na escolha e relevância da pesquisa-ação:

Quando se utiliza a pesquisa-ação, pode-se perceber que ela tem o potencial de aumentar o conhecimento das pessoas que participam da experiência. O ciclo da pesquisa-ação pode também ser considerado um ciclo de aprendizagem. (DICK, 2003, p. 13).

Com base nesta perspectiva, será necessário ainda caminhar por entre as narrativas orais, levando em consideração a História Oral de vida e a História Oral Temática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos com esta pesquisa se mostraram em um patamar de imensa satisfação, tendo em vista o reconhecimento das aproximações estabelecidas entre a História, cinema e comensalidade. Há, de fato, uma mudança anunciada. Evidencia-se a significativa construção de memórias e identidades a partir do que vemos e comemos, uma vez que o despertar do interesse pela cultura regional, mostra-se de suma relevância para a reafirmação da convivência social, seja âmbito escolar, familiar ou em outros espaços de inserção social e participação cidadã, nos quais estão inseridos os alunos da EJA do ensino fundamental de uma escola municipal no estado da Paraíba.



A partir da realização das pesquisas, consolidamos possibilidades e oferecemos caminhos para a comunidade escolar acessar a sua memória, ressaltando-os como sujeitos do conhecimento e produtores de sua realidade, uma vez que esta se mantém viva e atuante.

Nossos estudos mostraram que as mudanças que permitiram estabelecer aproximações entre a História e Cinema, lançando-os em uma perspectiva pedagógica, trouxeram ainda novas possibilidades para a formulação de estudos. Aliada a esse movimento, a comensalidade adquiriu e impôs, também, uma clara contribuição às discussões. A história, o cinema e a comensalidade tornaram-se, portanto, objetos de estudo na prática docente. Ao percebermos como, no ensino de História, os alunos se posicionavam sobre a alimentação e cinema enquanto uma prática sociocultural conseguimos identificar comportamentos, hábitos e valores.

Esta percepção fez com que Clio se apresentasse como a possibilidade da busca do resgate das minúcias cotidianas. Isto cria uma identidade cultural determinada, primeiro, pelo recurso cinematográfico e, de modo determinante, pelas relações estabelecidas durante as refeições. Como endossa Certeau, as práticas cotidianas permitem desvelar elementos culturais fazendo com que a mesa torne-se, eminentemente, uma máquina social. A inventividade se dá graças ao que ele chama de “artes de fazer”, nos mostrando que o homem inventa o cotidiano com “mil maneiras de caça não autorizada”.

Nesta perspectiva, evidenciou-se que as práticas gastronômicas florescem em meio ao crescimento das relações sociais fundamentado em um verdadeiro espaço de sabores, costumes e regras. Novas receitas são inventadas, criadas e adaptadas para levar ao consumidor um prazer imensurável à mesa associado a benefícios, diretamente, dimensionados ao corpo.

O situar dentro das diversas formas de sociabilidade ativa constitui padrões de permanência e mudanças articuladas aos hábitos gustativos. Reafirmam-se práticas alimentares e paladares peculiares provenientes de identidades culturais e costumes, absolutamente, construídos no cerne das práticas cotidianas. Daí percebe-se a presença de inevitáveis valores simbólicos imersos na construção dos costumes e hábitos alimentares a partir do universo da mesa, que possibilitam uma circularidade cultural irreversível no sentido de experiências que regem as representações sociais.

Essa perspectiva acabou sendo reproduzida fortemente através das obras cinematográficas, uma vez que a comida impõe significados, status social e os mais diversos sentidos de sociabilidade através das imagens projetadas na tela. Ao adentrar o espaço do cinema e da sala de aula a



alimentação passou a assumir o lócus de categoria histórica e prática sociocultural, das quais emanam os sentidos de identidade, memória e cultura regional no universo da EJA.

CONCLUSÕES

Pensar o cinema e a alimentação enquanto categorias históricas implica considerar uma, eminente, representatividade que gira em torno da prática docente e que possibilitam uma circularidade cultural irreversível no sentido de experiências que regem as representações sociais diante da construção de uma memória e identidade histórica. Particularmente, o filme torna-se interessante ao proporcionar inúmeras formas de enxergar e apreender as múltiplas representações, em articulação com o sentido da história. Neste sentido, pode-se falar de um ensino de História acentuado pela eficácia representada pelos recursos audiovisuais que oferecem as potencialidades para o ensino. Viabilizasse, pois, uma leitura que permeia as discussões interdisciplinares apontando possíveis entrecruzamentos entre o audiovisual e as práticas alimentares.

O importante é pensar o cinema como um criador de situações. Pensá-lo como um elo de comunicação e, sobretudo, enquanto construtor de memórias e identidades. A utilização do filme refletido na prática escolar constitui uma mediação relevante na formação do saber histórico, havendo a probabilidade de oferecer importantes interpretações acerca da cultura regional.

Nesse percurso, concluímos que a versatilidade presente nas categorias cinematográficas e da comensalidade permitiu a configuração da própria escrita histórica, diretamente interligada aos comportamentos humanos. Experiência que envolve todos os sentidos, em um verdadeiro direcionamento para a memória histórica. Aberto a novas considerações, este artigo apresenta-se como mais uma possibilidade de se relacionar a História aos recursos audiovisuais dentro das acepções propugnadas pela História Cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, J. A. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 133-242.
- CASCUDO, L. da C. **Antologia da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2008.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Tradução de Efraim Ferreira Alves. 16. Ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2008.



- DUARTE, R. **Cinema e Educação**. Autêntica: Belo Horizonte 2002.
- ENGEL, G. I. **Pesquisa-ação**. Curitiba: Educar editora da UFPR. n. 16, p, 181-191, 2000.
- FÉLIX, L. O. **História e memória a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 19-56.
- FERRO, M. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MIRANDA, M. G. de; REZENDE, A. C. A. **Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo**. Revista Brasileira de Educação. v. 11, n. 33, 2006
- NAPOLITANO, M. Fontes audiovisuais- A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-291.
- NASCIMENTO, J. C. do. **Cinema e Ensino de História**: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 5, ano V n° 2, 2008.
- NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- NÓVOA, J. Apologia da relação cinema-história. In: **O Olho da História: Revista de História Contemporânea**. Nº 01, 1995. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/01apolog.html>. Acessado em: 10/08/2009.
- PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008
- PIMENTEL, L. da S. L. **Educação e Cinema**: dialogando para a formação de poetas. São Paulo: Cortez, 2011.
- REIS, J. C. A Escola Metódica, dita “Positivista”. In: **A História Entre a Filosofia e a Ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-32.
- _____. O surgimento da “Escola dos Annales” e o seu “programa”. IN: **Escola dos Annales: a inovação em História**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- _____. A “história problema” da Escola dos Annales. IN: **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.